



O suicídio transmitido pela internet: sair ou entrar na cena?

Cíntia Oliveira Demaria

Orcid: [0000-0002-7808-4019](https://orcid.org/0000-0002-7808-4019)

Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)
Pesquisadora do grupo Além da Tela: psicanálise e Cultura Digital da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)
E-mail: cikademaria@gmail.com

Nádia Laguárdia de Lima

Orcid: [0000-0001-7949-0169](https://orcid.org/0000-0001-7949-0169)

Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)
Pós doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do grupo Além da Tela: psicanálise e Cultura Digital Gerais da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)
E-mail: nadia.laguardia@gmail.com

Domenico Cosenza

Orcid: [0000-0001-6860-3113](https://orcid.org/0000-0001-6860-3113)

Professor no Departamento de Psicologia da Universidade de Pavia / IT (Pavia, Itália)
Docente do Instituto Freudiano
Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP
E-mail: docosenza03@gmail.com

Resumo: O suicídio é considerado um tema de saúde pública pela OMS e é um tema frequente entre os usuários da internet. Além de grupos de suporte ou incentivo à prática entre os adolescentes, a modalidade de transmissão da passagem ao ato ao vivo cria um interesse por essa cena no virtual. A partir de um dos primeiros casos de suicídio transmitidos pela internet no Brasil, nos perguntamos: frente à audiência anônima, que mensagem o suicídio transmitido transmite? Há um Outro a quem dirigir esta morte? Quando passa ao ato na rede, o sujeito sai ou entra na cena?

Palavras-chave: Passagem ao ato; Redes Sociais; Adolescência; Clínica do Excesso.

Suicide diffusé sur internet: quitter la scène ou entrer en scène? Considéré comme un problème de santé publique par l'OMS, le suicide est un sujet fréquemment abordé par les utilisateurs d'Internet. Outre les groupes de soutien ou d'encouragement à la pratique chez les adolescents, la modalité de diffusion du passage à l'acte en direct crée un intérêt pour cette scène dans le virtuel. A partir d'un des premiers cas de suicide diffusé sur Internet au Brésil, nous nous interrogeons : face à un public anonyme, quel est le message transmis par la diffusion du suicide ? Y a-t-il un Autre à qui adresser cette mort ? Lorsque le sujet se suicide sur le web, sort-il ou entre-t-il en scène ?

Mots-clés: Passage à l'acte; Réseaux sociaux; Adolescence; Clinique de l'excès.

Suicide broadcast on the internet: leave or enter the scene? Suicide is considered a public health issue by the WHO and is a frequent topic among internet users. In addition to support groups or encouragement of the practice among adolescents, the form of live transmission of the passage to the act creates an interest for this scene in the virtual universe. Based on one of the first cases of suicide broadcasted online in Brazil, we ask ourselves: facing an anonymous audience, what message does the publicized suicide convey? Is there an Other to whom this death is directed? When it becomes an act on the web, does the subject leave or enter the scene?

Keywords: Passing to act; Social Networks; Adolescence; Clinic of Excess.

O suicídio transmitido pela internet: sair ou entrar na cena? *Cíntia Oliveira Demaria, Nádia Laguárdia de Lima & Domenico Cosenza*

O suicídio é considerado um tema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo a entidade, ele é responsável por uma a cada 100 mortes no mundo. Entre os jovens de 15 a 29 anos, ele é a quarta causa de morte (OMS, 2021). Na internet, ele é também um tema frequente. Além de grupos de suporte ou incentivo à prática entre os adolescentes, a modalidade de transmissão da passagem ao ato ao vivo cria um interesse por essa cena no virtual. Na rede social Instagram, por exemplo, menções com a palavra *#suicide* agrupam mais de 8 milhões de postagens, e no Reddit, um dos mais populares fóruns da internet atualmente, o subfórum *SuicideWatch* [Suicídio Assistido] soma mais de 330 mil membros.

O caso do jovem músico conhecido na internet como Yoñlu, inaugurou no Brasil, ainda em 2006, uma discussão ampliada pelos meios de comunicação de massa sobre a segurança das informações publicadas em grupos e fóruns virtuais. Em julho daquele ano, Yoñlu fez planos para executar o seu suicídio, trancou-se em seu banheiro com duas grelhas e postou em um fórum virtual pedindo ajuda para se matar. Algumas pessoas na discussão pediram para que ele não o fizesse, enquanto outras o ajudaram. Após a sua última postagem e a confirmação da morte por suicídio, a história veio à tona a partir da vulnerabilidade da segurança na internet e do lançamento de dois álbuns do jovem, comercializados pelas gravadoras Allegro Discos (2007) e Luaka Bop (2009).

Passados 16 anos do ocorrido, a memória de Yoñlu permanece presente em grupos e fóruns da internet. No *Facebook*, por exemplo, diversas páginas são mantidas ativas, com publicações quase diárias de trechos de músicas, fotos antigas, tatuagens em homenagem a ele, desenhos e pensamentos do garoto que os membros nomeiam como ídolo. No Instagram existem diversas contas criadas com intuito de homenageá-lo. A sua produção musical é amplamente repercutida no *Twitter* e em vídeos do *YouTube*. Diante de tal repercussão, Yoñlu virou até nome de uma rua, na cidade de Eusébio, na região metropolitana de Fortaleza (Brasil).

A partir de uma reflexão sobre o caso Yoñlu, analisaremos a relação entre o suicídio e a atual experiência do laço na virtualidade. Essa leitura será feita a partir da articulação entre as condições discursivas do período hipermoderno, a cultura digital e a clínica do excesso. Buscamos responder às seguintes questões: frente à audiência anônima da internet, que mensagem o suicídio transmitido endereça? Há um Outro a quem endereçar a transmissão da morte pela internet? Quando passa ao ato, Yoñlu busca sair ou entrar na cena?

O caso Yoñlu e o suicídio hipermoderno

No conjunto de sua obra, Freud jamais dissociou os fenômenos sociais daqueles determinados pelo psiquismo individual. Para o psicanalista, a civilização decorreria do mesmo processo de constituição do inconsciente (Freud, 1913/1969). A articulação entre o psíquico e o social também foi destacada por

Lacan: "Que antes renuncie a isto, portanto, [à prática da psicanálise] quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época" (Lacan, 1953/1998a, p. 321).

Neste sentido, esse texto pretende utilizar-se da pesquisa em psicanálise baseada em narrativas autobiográficas e na observação de/reflexão sobre fenômenos sociais. Para Teixeira (2003), as pesquisas que usam a história de vida como método, têm por objetivos propiciar uma interpretação dos fenômenos que rompem com a noção de um determinismo da história, considerando a valorização dos sujeitos como atores sociais e oferecer um campo de investigação no qual a relação entre o individual e o social sejam recíprocos. Para a autora, as narrativas de vidas singulares situam-se em um horizonte histórico-social em que as relações das vidas com a história da sociedade fazem emergir a "fala" dos sujeitos, propiciando uma articulação entre memória e história.

A seguir, apresentaremos brevemente o caso do jovem Yoñlu, que consideramos como emblemático para pensar o suicídio no contexto contemporâneo entre os adolescentes. O caso do jovem que se tornou público em 2006 no Brasil, conta a história de um garoto que fez planos para se matar contando com a ajuda da internet. Enquanto arquitetava o plano em casa, recorria a um fórum sobre como executá-lo de maneira rápida e indolor.

Enquanto algumas pessoas na discussão virtual imploraram, tentando fazê-lo parar, outros o ajudaram, dando dicas e reafirmando: "*se ele não responder mais, é porque funcionou*". Sua última publicação foi às 15:02. Um amigo virtual de Yoñlu descobriu o que estava acontecendo e chamou imediatamente a polícia local, informando-lhes seu endereço. Embora a polícia e os médicos chegassem a tempo para apagar a fumaça, ele foi declarado morto por suicídio através de intoxicação por monóxido de carbono ocorrido por volta de 15:30.

De acordo com o inventário virtual deixado aos pais pelo garoto, para combater sua crescente depressão e deslocamento na escola e na vida real, ele tentava manter uma presença frequente na internet. Aos 14 anos se inscreveu num fórum de jogos e rapidamente se tornou regular por lá. Também fez um blog chamado *Lone Cannoneer*, que chegou a ficar fora do ar devido ao grande número de acessos diários. O jovem deixou um *CD-Room* com algumas de suas canções e uma nota de suicídio para seus pais (publicada em revistas da época), absolvendo-os de qualquer responsabilidade por sua morte e agradecendo-lhes o apoio em vida.

Passados 16 anos da transmissão da morte de Yoñlu, ainda é possível encontrar na internet conteúdo "inédito" sobre sua morte. "É com o intuito de prestar homenagem", como define o grupo *Pipoca é o Cara*, no Facebook, que conta com mais de 3.000 membros. Diariamente são postadas imagens antigas de Yoñlu em uma versão "melhorada", mais nítida, a partir do trabalho de fãs dedicados. Anuários de escola, fotos do Vinícius bebê, aos quatro anos de idade, dias antes de morrer etc., digitalizadas e remasterizadas para uma melhor qualidade.

Maurício das Neves é um fã que criou a *Yoñlupedia*, um dossiê completo com todo o material que Vinícius compartilhou na internet em algum momento, até 2006. Divulgado em 2020 em grupos de homenagem ao jovem, Neves reuniu em um arquivo do Google Drive, uma sorte de informações na

forma de textos, poemas, lomografias, fotos pouco conhecidas, desenhos, curiosidades, contas perdidas do Yoñilu e áudios, cada formato organizado em uma subpasta específica.

O suicídio na rede: contribuições sob a perspectiva da clínica do excesso

A espinha dorsal da clínica psicanalítica, tal qual edificada por Freud, é a clínica da falta, marcada pelo desejo inconsciente, do recalque – e retorno do recalcado – do sintoma e da divisão do sujeito. Como aponta Recalcati (2003), é a clínica que encontra seu terreno fértil nas formações inconscientes e na “falta a ser” que habita o sujeito, como apontou Lacan. A clínica contemporânea, entretanto, vem testemunhando o aumento crescente de sintomas que resistem ao tratamento pela via da palavra, os quais não parecem ser marcados pelo desejo inconsciente, mas pelo excesso de gozo.

Recalcati (2003) destaca a emergência dessa nova clínica na atualidade, a qual designa como “clínica do vazio”. Esta designação não pretende definir novas estruturas clínicas, mas amplia um aspecto crucial dessa clínica contemporânea no que se refere à emergência dos chamados “novos sintomas” – anorexia, bulimia, toxicomania, alcoolismo, crises de pânico, depressão –, que aparecem como efetivamente irredutíveis frente à lógica que preside a constituição neurótica do sintoma (Recalcati, 2003).

Para além da extensão do estudo sobre o sintoma que Freud percorreu em toda a sua obra, interessa-nos aqui, especialmente, grifar o sintoma como forma de endereçamento ao Outro. Como aponta Cosenza (2024), o sintoma neurótico freudiano clássico, ou seja, histérico ou obsessivo, divide o sujeito que o carrega. Para Freud, o sintoma atua como uma formação de compromisso que permite vislumbrar o conflito que ele centraliza, entre a realização do desejo inconsciente e o que a ela se opõe. Em outras palavras, o sintoma fere o sujeito, que sofre, e faz uma demanda ao Outro. O sintoma neurótico torna-se o veículo de uma questão que entra em jogo para o sujeito, tomando sua forma inicial como um pedido de ajuda (Cosenza, 2024). Os chamados novos sintomas, por sua vez, excluem a existência do inconsciente, na medida em que o gozo não se insere no intercâmbio com o Outro sexo, mas configura-se como um gozo assexuado, produto da técnica e da química, facilmente adquiridos no mercado social (Recalcati, 2003).

Hugo Freda, lembrado por Recalcati (2003), revela que a psicanálise e a civilização atual se defrontam com uma nova forma de gozo, que não passa nem pela atividade sexual nem pelo parceiro do sexo e que se expressam sem o suporte da fantasia. Trata-se de uma nova forma de sintoma com um gozo que podemos definir, com Lacan (1972-1973/1985), como “gozo um”. Este novo estatuto do gozo, desvinculado da fantasia inconsciente, marca a desconexão entre o sujeito e o Outro e sublinham o declínio do complexo Édipo como função estrutural para as dimensões subjetiva e coletiva.

Para Recalcati (2003), o vazio diferencia-se da falta na medida em que não aparece na relação com o Outro através do movimento de abertura do desejo, este sim, expressão da falta. Ao contrário, o vazio apresenta-se solidificado, dissociado do desejo, sendo, portanto, inominável. Assim, para o psicanalista, a clínica dos novos sintomas é radicalmente a clínica do vazio, em que a referência central

não é mais o sintoma como compromisso entre o desejo inconsciente e as exigências do Outro social, mas a angústia.

Outra perspectiva paradigmática para se pensar a psicopatologia contemporânea que reúne formas sintomáticas desde a década de 1960, sobretudo em países de capitalismo avançado, é designada por Cosenza (2024) como "clínica do excesso". Trata-se de uma releitura das novas formas de sintomas que corresponde ao paradigma de uma clínica marcada pelo ilimitado, pelo estouro, e que carrega características particulares. Enquanto o sujeito neurótico freudiano apresentava-se na clínica como dividido e dilacerado em seu ser, o que se encontra hoje é, ao contrário, um indivíduo que se apresenta como indiviso, unificado, como alguém que é **um** com seu próprio sintoma, que mostra, nele, sua própria identidade.

No dicionário da língua portuguesa, o termo "excesso" refere-se ao que passa da medida, dos padrões de normalidade, do que é legal; exagero. O verbo "exceder", em latim, possui significados diferentes e aparentemente opostos: "retirar", "sair", mas também "seguir em frente" e "ter sucesso". Ou seja, combina um significado negativo de renúncia com um significado positivo de realização. Para Cosenza (2024), essa duplicidade é algo que encontramos na raiz da entrada do sujeito no laço social tanto em Freud, quanto em Lacan: uma perda que envolve sucesso. Somente se o sujeito concordar em perder gozo, ele poderá encontrar um lugar no laço social, um lugar de sujeito no discurso.

A escolha do significante "excesso" para indicar o fio condutor dessa clínica, traçada há décadas sob a fórmula de novas formas sintomáticas, apresenta diferentes significados. Por isso, não podemos tomá-lo como da linguagem comum, mas esclarecê-lo para torná-lo utilizável na clínica psicanalítica. O excesso refere-se ao real que está em jogo nas psicopatologias derivadas de sociedades de capitalismo avançado e sua forma específica de se apresentar por meio de soluções patológicas. Tais soluções tornam-se modos de fruição estáveis e repetitivos, caracterizados por um sistema de práticas que as organizam no cotidiano (Cosenza, 2024). Assim, para o autor, trata-se de um real que se apresenta não na forma de um gozo parcial, sempre perdido, mas na forma de um transbordamento, de um gozo maciço que eclipsa o sujeito que o vivencia.

Segundo Cosenza (2024), o real que se apresenta na clínica do excesso aproxima-se do objeto mítico da primeira satisfação, que se materializa em práticas e tratamentos do corpo e evocam, repetida e irresistivelmente, a emergência de uma experiência de gozo ilimitado. A escolha desta perspectiva para pensar o suicídio na cultura digital reforça a ideia de que quando se fala na clínica do excesso, refere-se, como aponta Cosenza (2024), a experiências que expõem o sujeito a uma deriva para além do princípio do prazer, onde os riscos de morte e de devastação estão presentes. Estes efeitos mortíferos estão presentes nas sociedades capitalistas, cujo cotidiano é pautado pelo imperativo *Goze!*. Para pensarmos o suicídio e a virtualidade diante deste imperativo de gozo, é preciso contextualizar o que se entende por "sociedades de capitalismo avançado", nas quais se evidenciam as "patologias do excesso".

O discurso capitalista: do excesso ao sintoma

Um estudo divulgado pelo *CupoNation* com base em dados do site *Statista* revelou que, no primeiro semestre de 2021, 4,66 bilhões de usuários estavam ativos na internet, o que corresponde a 59,5% da população mundial conectada à rede. O estudo identificou ainda, que 92,6% desse público acessa a internet usando aparelhos móveis. Em 2006, quando o jovem Yoñlu recorreu à internet como último recurso antes de cometer suicídio, esse acesso era consideravelmente menor, embora ele tivesse o acesso "ilimitado" à rede, que, segundo o inventário digital por ele deixado aos pais, funcionava como uma estratégia para combater sua crescente depressão e deslocamento na escola e na vida real. O acesso frequente do jovem aos fóruns colocava-o em contato com pessoas de diversos locais do mundo, recobrando o isolamento que ele experienciava em suas relações físicas. Assim, o objeto internet amparado pelo dispositivo da tela era uma solução para seu "problema" de isolamento social.

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (1930[1929]/2020) traz à tona a problemática da vida social que se funda em uma espécie de renúncia do sujeito – e a um desconforto deste, frente às questões individuais em relação a sua cultura. Para ele, o que chamamos de felicidade, grosso modo, provém antes da rápida satisfação de necessidades represadas, que a depender da natureza, só é possível momentaneamente. Assim, nossas possibilidades de felicidade são limitadas pela nossa própria constituição. Para o pai da psicanálise, existem dificuldades muito menores para se experimentar o desprazer, uma vez que o sofrimento pode ser advindo de três lados: do próprio corpo (destinado à decadência e à dissolução), do mundo exterior (que pode se voltar contra nós com forças destrutivas) e das relações com outros seres humanos. O sofrimento por meio desta última talvez seja o que se sentimos de forma mais dolorosa (Freud, 1930[1929]/2020).

Todavia, para Freud (1930[1929]/2020), a satisfação irrestrita de todas as necessidades impõe-se como a maneira mais tentadora de condução da vida, o que significa colocar o gozo antes da prudência e ser punido logo em seguida. Um dos métodos mais crus e eficazes para exemplificar o dualismo satisfação-punição é o químico, a intoxicação. Segundo Freud, a ação das substâncias entorpecentes na luta pela felicidade, faz com que os seres humanos as agradeçam não apenas pelo ganho imediato de prazer, mas também pela porção irresistível de independência em relação ao mundo exterior. Logo, com a ajuda do "destruidor de preocupações", podemos nos ver livres rapidamente da pressão da realidade e encontrar refúgio em um mundo próprio.

Na *conferência de Milão* de 1972, Lacan retoma sua teoria dos discursos para introduzir um novo matema, o do capitalista, que não funcionará como um quinto discurso, mas como mais um. Enquanto os outros quatro discursos são modalidades de laço social, o discurso capitalista é aquele que não propicia sua ocorrência, em função da alteração que provoca na dinâmica do matema. Esta alteração refere-se à elisão da impossibilidade, marca estrutural do funcionamento dos laços, em função da entrada em jogo do real, que o objeto *a* vem representar. Lacan (1972), entretanto, aproxima o discurso do mestre ao discurso capitalista: "o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber" (Lacan, 1972, s/p.).

Para Laurent (2020), os GAFAM (acrônimo formado pelas iniciais das grandes empresas digitais: *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*) buscam ter acesso aos dados privados de seus usuários, encontram, na contemporaneidade, o casamento entre o capitalismo e a vigilância fundados no 'altar da internet'. Enquanto oferecem serviços cômodos ou toda uma gama de diferentes *gadgets*, essas empresas nos civilizam, recolhem e rastreiam dados dos sujeitos que os 'pagam' com suas informações, reforçando o adágio liberal que se apoia a internet, retomado por Laurent (2020, s.p.). "Se é gratuito, é porque você é o produto".

Pode-se compreender, sob essa perspectiva, tanto os fóruns que Yoñlu frequentava na internet quanto os *gadgets* que utilizava, e que o mantinham na ilusão de que é possível reparar a falta constitutiva do laço social, enquanto "pagava" com as suas informações de foro mais íntimo, dente elas, sobre a decisão de não viver.

Para Lacan, o discurso capitalista baseia-se na ilusão de que o objeto está sempre ali disponível, que a perda não é estrutural e que sempre é possível superá-la. É a dimensão do real como impossível, de que fala Lacan, que o discurso capitalista trabalha para anular, impelindo o sujeito consumidor a usufruir, imperativamente, dos bens-objetos oferecidos pelo mercado global, em um relançamento contínuo da satisfação. É a dimensão do limite que passa despercebida diante de um impulso para o gozo ilimitado (Cosenza, 2024).

Para Cosenza (2024), a passagem que marca a mudança fundamental na psicopatologia da era freudiana, em que vigorava um capitalismo clássico, para a era lacaniana, onde se encontram os primórdios do capitalismo contemporâneo, é a passagem de uma clínica da falta e do desejo, da clássica bipartição entre psicose e neurose, para uma clínica do ilimitado, do transbordamento. Nesta nova clínica o sujeito é exposto a uma relação sem barreira simbólica com o gozo, do qual torna-se presa. Para ele, a relação com o objeto investido libidinalmente tende a se tornar infinita, nunca o suficiente. A falta do objeto torna-se insuportável, seu tratamento simbólico torna-se precário, e a elaboração do luto, impraticável (Cosenza, 2024).

Na clínica do excesso, reconhecemos o traço perverso que marca a relação contemporânea com os objetos de fruição. O encontro com o inesperado – mesmo em sua forma banal e cotidiana, por exemplo, um encontro perdido – torna-se um trauma não subjetivo, mas, sim, algo para se defender, construindo barreiras defensivas e circuitos de gozo autossuficientes que evitam o impacto desse encontro, tal como a tela na virtualidade, que "blinda" Yoñlu do desencontro com o Outro, fazendo dos fóruns, um escape a esse "problema".

Todavia, os *gadgets* ofertados pela cultura, que supostamente preencheriam a falta subjetiva, não oferecem a satisfação prometida. Desta forma, a lógica capitalista introduz uma nova modalidade de sofrimento. Como afirma Viganò (2001), na nossa época, ao mesmo tempo em que o gozo do sintoma está presente, a articulação da palavra está ausente. O que passa a existir é um cancelamento do saber inconsciente, a partir de uma outra castração, substituída por um objeto consumível. O homem hipermoderno separa-se das pessoas e do Outro, com os seus ideais, para entrar como presa direta no

curto-circuito do mais-de-gozar (Viganò, 2001).

Os sintomas na época atual aparecem como “parceiros”, como definiu Miller (2014). Eles surgem como uma solução, uma resposta do sujeito para determinado impasse subjetivo. Como aponta Cosenza (2020), o sujeito não parece demandar nada ao Outro, mas no máximo, angustiá-lo. Outra característica dos novos sintomas é que eles tomam sempre o caminho do corpo. Trata-se de uma demanda silenciosa encarnada no corpo, veiculada por sintomas que assumem formas não tanto de somatizações e conversões, como nas anorexias e bulimias histéricas, que ainda têm um valor metafórico de mensagem corporificada, mas de práticas de circuito fechado de gozo corporal, desconectadas do Outro e sem sentido (Cosenza, 2024).

Para Miller (2015), estamos na época do desaparecimento do Outro. Na adolescência o sujeito se depara com a inconsistência do Outro, momento em que se fazem sentir, com maior intensidade, os efeitos da mutação da ordem simbólica, especialmente o declínio do patriarcado. Para o autor, a função paterna degradou-se à medida que os constrangimentos naturais foram sendo rompidos pelo discurso da ciência: “Esse discurso, que nos trouxe as manipulações da procriação, fez também com que, via os *gadgets*, a transmissão do saber e as maneiras de fazer, de uma forma geral, escapassem à voz do pai” (Miller, 2015, p. 6).

Na atualidade, a chamada “crise” da adolescência encontra impasses que se exprimem pela profusão de atos de caráter sacrificial que a juventude apresenta, como a entrega ao risco de morte e à errância (Dias et al., 2019). Para as autoras, os ritos contemporâneos a que esses sujeitos recorrem – como o abuso de drogas e a mortificação do corpo pela via de distúrbios alimentares, automutilações e outras intervenções dolorosas – não garantem um efeito apaziguador, mas, pelo contrário, são geralmente acompanhados por intensa angústia.

Desta forma, as modalidades de sacrifício da adolescência ocidental não instituem o sujeito no Outro, mas provocam seu desaparecimento (Dias et al., 2019). Os jovens se submetem a uma mortificação do próprio corpo numa versão radical da passagem adolescente, incorporando um “terror” que se ramifica nas diversas formas de apresentação do Outro como instância obscura, tirânica e de inexorável consistência.

Diante de tal contexto, Laurent (2007) pontua que não é possível aliviar o sujeito hipermoderno de sua culpa em relação ao ideal, porque ele já está aliviado, ele é *light*. Todavia, essa leveza é insustentável, pois suporta a inconsistência do Outro em sua ausência de garantias. Ao psicanalista cabe compreender não o aparente alívio do sujeito, mas o peso de sua relação com o gozo.

Por outro lado, quando pensamos na passagem ao ato, esta nova clínica nos ensina que as patologias do excesso não têm apenas um lado ilimitado. Para Cosenza (2024), elas permitem que o paciente possa encontrar uma barreira que o defenda do suicídio. É como se os sujeitos se apegassem a um sintoma mortífero para se defender da morte, como ocorre, por exemplo, com os sujeitos anoréxicos que, quando se afastam do controle de peso de forma arbitrária, recorrem diretamente ao ato suicida ou, ainda, atacando o corpo por meio de práticas de cortes. Poderia essa solução anoréxica

ser o que protege o sujeito da passagem ao ato suicida? Ela serviria ao sujeito como defesa diante da angústia? Transpondo a questão, as redes sociais poderiam ser usadas como uma forma de tratamento da pulsão de morte, adiando ou impedindo a passagem ao ato?

No ilimitado da internet que, discutiremos no tópico a seguir, buscaremos nos aprofundar mais sobre estas questões.

A vida ou a fama: o que se perde no virtual?

A alienação é própria do sujeito, como definiu Lacan (1964/1988) em seu *Seminário 11*. O lugar do Outro, ocupado inicialmente pela mãe, oferece significantes através da fala, da nomeação e da interpretação. Entretanto, o ser não é totalmente coberto pelo sentido dado pelo Outro, pois há sempre uma perda. Portanto, há uma espécie de luta entre vida e morte, entre o ser e o sentido: se o sujeito escolhe o ser, perde o sentido, e se escolhe o sentido, perde o ser, e se não escolhe, desaparece.

Lacan (1964/1988) se vale da metáfora "*A bolsa ou a vida!*" para exemplificar essa escolha forçada que produz, por consequência, um efeito de "nem um, nem outro". Se em um assalto o sujeito fosse forçado a escolher entre a bolsa e a vida e escolhesse a bolsa, ele perderia as duas. Se escolhesse a vida, ele teria a vida sem a bolsa. Ou seja, teria a vida decepada. Há um fator que remete à morte em "*A liberdade ou a morte!*", onde, qualquer que seja a escolha, têm-se as duas. Em termos de constituição do sujeito, Lacan aponta que a alienação consiste num certo modo de realização desta escolha forçada.

Na alienação, o sujeito é capturado pelo significante do Outro materno e torna-se assujeitado à primazia do significante (Lacan, 1964/1988). A primazia do significante remete-nos à contingência humana do homem como ser falante, mergulhado em uma cultura antes mesmo de seu nascimento e que, portanto, sofre determinações do sistema simbólico da linguagem a partir da relação com o Outro. A metáfora que intitula esta seção, *A vida ou a fama?*, faz uma analogia entre o ser assujeitado pela linguagem e o ser assujeitado à primazia da cultura digital que, banhado pela promessa ilusória de que só é visto quem é notado, ou seja, quem se torna famoso, entrega-se à fruição quando imerso na linguagem numérica. Na passagem ao ato transmitida no virtual, ao se escolher a vida, perde-se a fama. Ao se escolher a fama, perde-se as duas.

Segundo Miller (2015), a incidência do mundo virtual, no qual os adolescentes vivem preferencialmente hoje, faz com que o saber – antes depositado nos adultos, entre pais e educadores como mediadores –, esteja, agora, automaticamente disponível mediante uma simples demanda formulada à máquina. Para o autor, o saber está no bolso e não é mais um objeto que se precise buscar no campo do Outro. Há em curso, segundo Miller (2015), uma autoerótica do saber que é diferente da erótica do saber que passava pela relação ao Outro.

Anteriormente, Miller (1995) já havia introduzido o significante "antiamor" para definir a relação entre o sujeito toxicômano com o Outro, indicando uma ruptura do vínculo social do sujeito com essa instância. Nesse sentido, algumas questões se interpõem: que ideal resta quando o sujeito prescinde do parceiro sexual em que se observa, como propõe Miller (1995), uma prevalência do objeto? O suicídio

na tela seria uma ruptura com a vida para o encontro com a imortalidade da *web*?

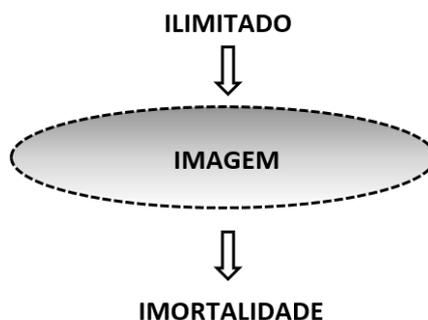
A partir dessa discussão e do recorte do caso Yoñlu a que tivemos acesso – além do que recolhemos nas redes sociais passados dezesseis anos do suicídio do garoto –, a imagem na internet parece carregar um caráter imaginário para o sujeito que passa ao ato de maneira pública. O imaginário virtual parece se constituir a partir de três eixos fundamentais: o da imagem, o da imortalidade e o do caráter ilimitado da *web*.

O caráter ilimitado pode ser exemplificado pela barra de rolagem do *Google* nos celulares, que não cessa, não tem fim. Quando se faz uma busca no *Google* por um aparelho móvel, ele oferece um resultado infinito, até que o sujeito seja capturado por um link que leva a outro, que leva a outro. Neste mesmo sentido, podemos nos referir ainda ao consumo nos aplicativos de música, filmes e séries, que dispõem de um catálogo ilimitado, ou aos aplicativos de relacionamento, com opções infinitas de pessoas que “possam interessar” o sujeito que procura, na incontável vitrine, alguém com quem possa iniciar uma conversa.

O caráter de imortalidade da web, por sua vez, pode ser exemplificada pela impossibilidade de se excluir uma conta no Instagram ou Facebook. Uma vez inserido nessas redes, o conteúdo que se publica ficará armazenado, e mesmo que se exclua a conta, há um “botão vermelho” que se pode acionar caso o usuário se arrependa, podendo recuperar praticamente tudo o que já publicou. No modelo atual do *Instagram* (2022), não há, nas configurações, nem mesmo a possibilidade de se “Excluir a conta”. É possível deletar, isto é, apagar as publicações já feitas, mas não é possível deixar de existir. Outro indício desta imortalidade é marcado pelas publicações indexadas no *Google* ou em qualquer outro buscador. Uma vez indexado, não é possível deletar a imagem, e quanto mais ela viraliza, mais viva fica. O estudo do caso Yoñlu, por exemplo, somente foi possível porque o conteúdo disponibilizado sobre ele não pode mais ser deletado e, sendo eterno, aparecerá cada vez mais sob a lógica dos algoritmos, quanto mais for buscado pelos usuários, perpetuando-se. Um fã que faz uma pintura “inédita” sobre Yoñlu e a torna pública na rede, faz com que esse legado permaneça lembrado e acessado por ainda mais tempo. Ou seja, a imagem ilimitada garante a imortalidade do sujeito no ambiente virtual.

Representamos, na Figura 1, um esquema da possibilidade de leitura da passagem ao ato frente à visibilidade do virtual. A Imagem é circundada pelas linhas pontilhadas representando a audiência fluida da internet. A seta que desce do Ilimitado à Imagem representa o caminho do acesso sem fim do virtual, que por conseguinte garante a Imortalidade na rede.

Figura 1 - O estatuto da passagem ao ato na internet



Fonte: Elaboração própria.

O círculo sombreado na imagem é proposital. No excesso da rede, falamos de um real que se apresenta a partir de um gozo que transborda, de um gozo maciço que eclipsa o sujeito. O formato eclipsado, que faz sombra na imagem, é o objeto como causa do eclipse da astronomia, mas que também representa o sentido da tradução literal do termo: tirar o brilho ou a visibilidade; ofuscar, obscurecer. Ou seja, quanto mais implicado nesta visibilidade, mais ofuscado o sujeito se torna.

O excesso da presença na rede remete à proximidade do objeto *a* (Lacan, 1992). Assim, diante do excesso da presença do objeto, o que emerge é a angústia avassaladora, sem proteção, que pode levar à passagem ao ato. O imaginário virtual exacerba o gozo do olhar, e o excesso da presença remete à prevalência do olhar como uma modalidade de objeto *a* neste ambiente. O excesso implica o apagamento do sujeito, enquanto marcado pela falta, dividido, castrado. Ou seja, o gozo sem limites não está presente só nas profundezas da web, mas no uso que cada um faz da rede. É no excesso da presença do objeto que se faz a ausência do sujeito, que diante da oferta ilimitada, se perde.

É importante ressaltar ainda que os três eixos apresentam em comum uma ilusão de eliminação da impossibilidade inerente ao laço social, criando-se a ilusão de que até mesmo a imortalidade é possível. A imagem permanece eternamente na internet, inesgotável, infinita e imortal. Uma imortalidade que advém da queda do sujeito. Em seu seminário *As formações do inconsciente* (Lacan, 1957-1958/1999), Lacan comenta que quando o sujeito abole a si mesmo, torna-se mais signo do que nunca, pois: “[...] é precisamente a partir do momento em que o sujeito morre que ele se torna, para os outros, um signo eterno, e os suicidas mais que os outros” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 254). O autor descreve a profunda ambiguidade que marca o suicídio, na medida em que ele apresenta tanto uma beleza horrenda quanto uma beleza contagiosa, que dá margem às epidemias de suicídio.

A internet parece oferecer certa garantia a essa aspiração humana de imortalidade. Enquanto Yoñlu era vivo e clamava por aprovação de suas canções, não era notado. Todavia, é importante salientar que, embora as imagens de quem morreu sejam eternas na rede, a garantia de que uma história irá importar a todos é uma ilusão. O caso Yoñlu é emblemático desta modalidade de suicídio no contexto da cultura digital, mas também marca a vida como um produto descartável, que pode ou não ser

rapidamente "deletável". Alguns se eternizam na rede, pois alcançam a fama depois de mortos, mas a grande maioria é esquecida. O que está em questão no suicídio contemporâneo é essa ilusão de que na internet será possível alcançar a imortalidade.

Na clínica contemporânea, é possível perceber uma tendência do sujeito a se isolar para desfrutar de seu gozo sem restrições, como acontece com pacientes que, por exemplo, passam o tempo todo em frente ao computador navegando na internet. O que se revela na clínica do excesso, é que o verdadeiro parceiro do sujeito é algo assexual que se impõe com um impulso irresistível, como objeto de uma experiência de gozo pleno que se consome isoladamente. Não se trata de uma solidão clássica em que, necessariamente, o Outro está presente nos pensamentos, mas o isolamento é antes um afastamento, uma ruptura do vínculo com o Outro, experimentado como ameaçador ou inacessível. Isso caracteriza, ainda, uma condição propícia para um gozo autístico sem limite, numa área da clínica que está além da neurose, onde a dimensão ilimitada do gozo não é a exceção, mas a norma.

Sair ou entrar na cena?

A busca por visibilidade complica a clássica leitura entre *acting-out* e passagem ao ato. A partir da leitura do caso Yoñlu, que selecionamos como emblemático para o suicídio na era hipermoderna, fica claro que tal ato aparece na cena do Outro virtual da *web*. Isso nos faz repensar o tema clínico do ato, a partir do que estamos vivenciando na cultura digital. Outro ponto importante é considerar a manifestação do traço de perversão próprio do funcionamento do discurso capitalista na atualidade. Há algo que não é simplesmente da ordem da escrita, mas de uma escrita do gozo que se dá por meio de uma imagem que permanecerá fixa, e que poderá ser reproduzida, retransmitida e vista por um público potencialmente infinito de pessoas. O interesse por imagens violentas, como atesta o acesso por mais de oito milhões de pessoas que estão vivas, compartilhando imagens no Instagram com a *hashtag* *#suicide*, reforça este argumento.

Além da clássica distinção lacaniana entre o *acting-out* e a passagem ao ato, é preciso compreender a dimensão pública que faz do ato uma cena, mas uma cena sem sujeito. Assim, podemos dizer que ao contrário da disjunção entre o *acting-out* e o ato, na hipermodernidade vemos a atuação como a saída da cena, e o ato como a entrada, que aposta na ilusão da interpretação frágil como "aquele que fez". E o que se diz no virtual? Na tríade Ilimitado-Imagem-Imortalizado, questionamos qual é o lugar do sujeito na cena, e se há sujeito nesta dimensão. Uma vez decidido pelo ato, o que ele faz na internet é encenar a sua decisão, sem espaço para dúvida, interpretação, sem Outro. Assim, podemos questionar: na passagem ao ato no ambiente virtual, o ato seria a cena?

Considerações finais

Esse trabalho objetivou questionar o estatuto da passagem ao ato no contexto hipermoderno, a partir de um dos primeiros casos de suicídios assistidos pela internet no Brasil. A pesquisa em psicanálise, baseada em narrativas autobiográficas e fenômenos sociais, nos ajudou a traçar o que esse

caso reverbera e inaugura acerca do suicídio contemporâneo. O sujeito que sai de cena do mundo para entrar na cena da internet, faz emergir um novo personagem, eternizado pelo ilimitado compartilhamento na rede.

O apreço pelo músico fez emergir, na rede, mais imagens do que ele próprio compartilhou enquanto ainda era vivo. Yoñlu nunca recebeu em vida o reconhecimento que sempre quis ter pela internet. Nem mesmo de sua amada Luana, que hoje tem tatuada a letra de *Mecânica Celeste Aplicada*, música que Vinícius fez para ela. O reconhecimento do mundo veio *a posteriori*, após o ato, a partir de um depois. Nas configurações atuais, Yoñlu é eternizado.

A expectativa pela imortalidade, da qual tratou-se neste trabalho, reforça a busca pela visibilidade através de um ato encenado para milhares de pessoas, mas para nenhum Outro. A leitura clássica da passagem ao ato e do *acting-out* para a psicanálise foi fundamental para analisarmos o suicídio a partir da tradicional distinção entre os termos. Entretanto, diante do impasse hipermoderno, novas interrogações vieram à tona. As experiências de violência radical na rede, realizadas pelos adolescentes, nos levam, hoje, ao questionamento sobre a distinção entre as duas expressões, uma vez que o ato passa a ter calor de uma cena, mas uma cena que não clama por um Outro, mas deixa-se cair na ilusão da imortalidade da imagem, tal como preconiza o discurso capitalista.

Sob a ótica da clínica do excesso, torna-se claro que o suicídio aparece em uma cena, a do Outro virtual da web, e, portanto, não apresenta as características do "sair da cena" típico da passagem para o ato suicida, como classicamente a entendemos. Nesse sentido, o presente contexto nos obriga a repensar o próprio tema clínico do ato, da passagem ao ato e da atuação, tendo em vista o processo que estamos vivenciando de virtualização da relação com o Outro, e que se torna cada vez mais penetrante.

Referências Bibliográficas

- Cosenza, D. (2024). *Clínica do excess: derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea* (C. O. Demaria, trad.). Belo Horizonte: Scriptum.
- Dias, V. C., Lima, N. L., Viola, D. T. D., Kelles, N. F., Gomes, P. D. S., & Silva, C. R. D. (2019). Adolescentes na Rede: Riscos ou ritos de passagem?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15.
- Freud, S. (1969). Sobre o início do tratamento. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (v. 12, pp. 164-187). (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In: Freud, S. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (M. R. S. Moraes, trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (pp. 305-410). (Obras Incompletas de Sigmund Freud) (Trabalho original publicado em 1930).
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'université de Milan*. Inédito.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original

- publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Laurent, E. (2007). *A sociedade do sintoma: A psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Laurent, E. (2020). Gozar da internet. *Derivas Analíticas*, 16. Recuperado de: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>.
- Miller, J. A. (1995). Para uma investigación sobre el goce auto erótico (pp.13-22). In: E. Sinatra, D. Sillitti & M. Tarrab (Orgs.). *Sujeto, goce y modernidad: fundamentos de la clinica*. Buenos Aires: Atuel.
- Miller, J. A. (2014). Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana On-line*, 5(13), 1-13.
- Miller, J. A. (2015). *Em direção à adolescência*. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança.
- Organização Mundial da Saúde. (2021). *Suicide worldwide in 2019: global health estimates*. Geneva: World Health Organization.
- Recalcati, M. (2003). *Clínica del vacío: Anorexias, dependencias, psicosis*. Buenos Aires: Síntesis Editor.
- Teixeira, L. C. (2003). Escrita autobiográfica e construção subjetiva. *Psicologia USP*, São Paulo, 14, 37-64. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/CYcnc3FtX5XqMVqg MnXgcLz/?lang=pt>.
- Viganò, C. (2001). Une nouvelle question préliminaire: l'exemple de la toxicomanie. *Mental: Revue internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée*, 9, 57-79.

Citação/Citation: Demaria, C. O., Lima, N. L. De. & Cosenza, D. (mai. 2024 a out. 2024). O suicídio transmitido pela internet: sair ou entrar na cena?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 20-33. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n38p20-33

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 16/04/2024 / 04/16/2024.

Aceito/ Accepted: 26/10/2024 / 04/26/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.